

# Hegel e a *Ciência da Lógica*: da crítica às provas apagógicas de Kant na segunda antinomia da *Crítica da Razão Pura*

*Bruna de Oliveira Bortolini*<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da obra *Ciência da Lógica*, de Hegel (1816), o presente artigo analisa sua crítica às provas apagógicas de Kant, mais especificamente aquelas referente à segunda antinomia da *Crítica da Razão Pura* (1781), a qual trata sobre a questão da indivisibilidade e da divisibilidade do espaço, do tempo e da matéria. O estudo expõe brevemente a forma como são elaboradas por Kant tais provas, bem como suas fragilidades e limitações, para ao fim mostrar as soluções apresentadas por Hegel a elas e de que modo, através das próprias antinomias kantianas, o autor justifica a contradição entre indivisibilidade e divisibilidade como momento substancial à dialética do pensamento.

**Palavras-chave:** Provas Apagógicas. Antinomias Kantianas. Dialética Hegeliana. Quantidade.

**Abstract:** From the work of Hegel's Science of Logic (1816), this article analyzes his critique of Kant's apagogic proofs, more specifically those concerning to the second antinomy of the Critique of Pure Reason (1781), which deals with the question of the indivisibility and divisibility of space, time and matter. The study briefly exposes Kant's elaboration of such evidence, as well as its weaknesses and limitations, in order to show Hegel's solutions to them and in what way, through Kant's own antinomies, the author justifies the contradiction between indivisibility and divisibility as a substantial moment to the dialectic of thought.

**Keywords:** Apagogic Proofs. Kantian Antinomies. Hegelian Dialects. Quantity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: [bbortolini@gmail.com](mailto:bbortolini@gmail.com).

## 1 Introdução

No primeiro capítulo sobre a “Quantidade” na obra *Ciência da Lógica* (1816), de Hegel, a qual trata sobre *A doutrina do ser*, o autor remete ao filósofo Immanuel Kant para tratar sobre a questão da indivisibilidade e da divisibilidade do tempo, do espaço e da matéria. Isso porque Hegel procura mostrar que na natureza da quantidade do ser, a unidade simples da discrição e da continuidade (estados constituintes da própria noção de quantidade) está envolta num conflito: o fato de que ambas as categorias precisam ser afirmadas ao mesmo tempo em que se sustenta a questão de uma possível divisibilidade das mesmas. Para Hegel, Kant, em sua obra *Crítica da Razão Pura*<sup>2</sup>, se ocupa desta questão, realizando um estudo sobre os vários momentos constituintes da Quantidade. Entretanto, para nosso autor, Kant em seu processo de compreensão, ao tentar oferecer provas para seus argumentos, não obtém êxito, pois suas provas, as quais ele chama de apagógicas<sup>3</sup>, nada provam a respeito da questão. Hegel, nesse capítulo, aponta, então, os erros cometidos por Kant e propõe esclarecimentos mais simples acerca do tema.

Para compreender melhor a crítica hegeliana às provas apagógicas de Kant, este trabalho será dividido em três momentos. O primeiro momento visa tratar sobre aspectos conceituais a respeito do próprio conceito de Quantidade, inicialmente investigado pelo autor, isto é, no que consiste, como é representado e qual sua importância no contexto da *Doutrina do Ser*.

No segundo momento, o trabalho aborda o modo de constituição das provas apagógicas de Kant mostrando o papel que

---

<sup>2</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão; Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

<sup>3</sup>Por “prova apagógica” Kant e Hegel entendem a prova indireta de uma tese mediante a assunção inicial de sua oposta e sua redução ao absurdo. Afirmção de sentido absurdo a respeito da própria tese que visa, por meio da radicalização em sentido contrário ao argumento inicial, mostrar a veracidade da mesma.

elas desempenham na tentativa deste autor de resolução do conflito entre a indivisibilidade e divisibilidade do tempo, do espaço e da matéria.

No terceiro e último momento, o estudo aborda a crítica de Hegel feita às provas apresentadas por Kant, mostrando como estas são inconsistentes e como não cumprem a função pretendida no seio do próprio pensamento kantiano, apontando, por fim, uma forma mais adequada de abordá-las.

## 2 A Quantidade do Ser

A quantidade no pensamento hegeliano trata da grandeza extensiva do ser, isto é, da constituição externa e imediata das coisas existentes. A quantidade não é um somar-se como, por exemplo,  $2 + 2 = 4$ , mas uma grandeza, a extensão total de algo. Pensemos na temperatura ou no conceito de espaço: por mais que estes, em termos qualitativos, aumentem ou diminuam, continuam sendo temperatura e espaço. Se a temperatura da água sobe de 20 graus Célsius para 100 graus Célsius, a água continua sendo água, por mais que contenha em si variações de temperatura. Se um campo de futebol aumenta para a extensão de dois campos de futebol, a sua grandeza quantitativa, em termos de espaço, não é alterada. Assim, quantidade, em Hegel, se refere a uma grandeza semelhante às grandezas matemáticas: volume, velocidade, tempo etc., as quais podem ter suas medidas alteradas, sem que se altere a própria noção de grandeza. Nas palavras de Hegel, a quantidade permite alterações, isto é, se um “campo altera [...] seu limite, então ele permanece sendo o mesmo campo de antes”<sup>4</sup>, isso porque a quantidade enquanto grandeza não é afetada pela limitação das coisas, ela é algo transitório, mas também temporalmente permanente.

---

<sup>4</sup> HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica: a doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 197.

Para entender melhor a questão da quantidade, Hegel a coloca sempre em relação com a noção de qualidade. Para o autor, a quantidade deve ser sempre entendida em relação à qualidade, visto que ao compreendê-las lado a lado torna-se possível delimitar melhor seus conceitos. Um erro muito comum ao separar essas duas esferas é entendê-las como opostas uma a outra. A própria *Ciência da Lógica*, de Hegel, se estudada de forma superficial, pode dar a entender isso, conforme afirma Wohlfart, “de forma aparente e imediata, a quantidade se contrapõe à qualidade como conceitos excludentes, na medida em que a qualidade trata da grandeza intensiva e a quantidade trata da grandeza extensiva, exterior e imediata”, mas, na verdade, continua o autor, “qualidade e a quantidade se integram reciprocamente”<sup>5</sup>. Tal entrelaçamento entre ambas ocorre, pois, para Hegel, a qualidade é um dos momentos constituintes da quantidade, está integrada naquela. A quantidade é o ser para si suprassumido, isto é, a fusão entre unos que ao mesmo tempo se negam (por possuírem qualidades diferentes) e se atraem (por serem parte do mesmo objeto). Mas como isso é possível?

A *Doutrina do Ser* sustenta que a qualidade ao corresponder às múltiplas e fundamentais facetas de um objeto é o que lhe possibilita uma diversidade de características, porém, essas diferenças não são radicalmente opostas uma das outras, ou incomunicáveis, mas se relacionam de forma contínua e sem interrupção. Nas palavras do autor, nessa continuidade “está posta assim como ela é em si; os múltiplos são um o que [é o] outro, cada um [é] igual ao outro, e a pluralidade, portanto, [é] igualdade consigo mesmo do ser de um fora do outro, o prosseguir-se dos unos diferentes nos seus diferentes deles”<sup>6</sup>. Assim, faz parte de tudo àquilo que existe conter em si sua própria contradição, qualidades que são diferentes e, por essa razão, conflituosas, mas que, ao se relacionarem entre si, alcançam em sua síntese a própria

---

<sup>5</sup> WOHLFART, J. *A lógica do ser de Hegel*. n. 2. Porto Alegre: Veritas, 2017. v. 62, p. 470-471.

<sup>6</sup> HEGEL, 2016, p. 197.

quantidade. Por exemplo, a água em temperatura ambiente quando é colocada para aquecer, além de mudar de temperatura, sofrerá uma alteração em seu estado: de sua forma líquida passará à forma gasosa. O mesmo acontece se a submetemos a temperaturas extremamente frias, ou seja, seu estado líquido e sua temperatura mudarão, a água ficará mais fria e passará para um estado sólido, na forma de gelo. Isso quer dizer que, em termos de grandezas, não há alteração.

A noção de temperatura, independentemente de suas variações continuará sendo temperatura, a água, por mais que possua diferenças qualitativas, mudando de estados físicos, ainda será composta pela mesma substância: H<sub>2</sub>O. A quantidade, portanto, possui momentos de discrição, em que o que é diverso, através da relação com seu outro, conflui para uma unidade, é suprimida nessa unidade, aspecto que só se torna possível por meio dessa dialética. Assim, a qualidade, em Hegel, aparece como a interioridade de algo e a quantidade como a exterioridade desse mesmo algo, como afirma o próprio autor:

A quantidade é a unidade desses momentos da continuidade e da discrição [...]. A quantidade como tal é este resultado simples, na medida em que ele ainda não desenvolveu seus momentos e não [os] pôs nele. – Ela contém eles inicialmente enquanto ser para si posto como ele é na verdade. Conforme sua determinação, ele foi o relacionar-se consigo mesmo que se suprassume, vir para fora de si perene. Mas o repellido é ele mesmo; a repulsão é, portanto, o fluir que produz a si mesmo<sup>7</sup>.

Posto isso, Hegel irá analisar as provas apagógicas formuladas por Kant em sua obra *Crítica da Razão Pura* para tratar sobre os momentos da quantidade, apontando as fragilidades que

---

<sup>7</sup>HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica: a doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 198.

estas possuem e propondo, ao fim de sua análise, argumentos mais pertinentes à comprovação da tese, bem como sua evolução.

### 3 As provas apagógicas de Kant

Ao tratar sobre a questão da indivisibilidade e da divisibilidade do tempo, do espaço e da matéria, Kant irá expor, em sua obra *Crítica da Razão Pura*, quatro antinomias (cosmológicas), “dentre as quais a segunda concerne à oposição que os momentos da quantidade constituem”<sup>8</sup>. Juntamente à exposição desses momentos, o autor irá apresentar duas provas, segundo ele, capazes de assegurar logicamente a validade da temática em questão.

De acordo com Hegel, as provas elaboradas por Kant são de extrema importância para a “queda da metafísica precedente e podem ser consideradas como uma passagem capital para a filosofia moderna, na medida em que elas ajudaram, em especial, a gerar a convicção da nulidade das categorias da finitude no que concerne ao conteúdo”<sup>9</sup>. Entretanto, ainda segundo o nosso autor, apesar do mérito kantiano a respeito de suas antinomias, estas se apresentam de forma imperfeita e, por essa razão, ele considera importante, para tratar da questão da Quantidade, tentar corrigi-las, valorizando-as e não descartando-as. Sendo a obra de Kant anterior a de Hegel, a contribuição do pensamento do primeiro autor para o segundo é, de fato, inegável. Basta observar o diálogo que Hegel mantém em suas obras com as teorias de Kant, motivo pelo qual é importante, quando oportuno, destacá-la.

A crítica de Hegel à Kant sobre a qual nos deteremos aqui se refere, então, aos equívocos de raciocínio cometidos por este último em sua tentativa de elaborar provas que pudessem comprovar a tese a respeito dos dois momentos contrapostos – continuidade e

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 201.

<sup>9</sup> HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica: a doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 201.

discrição – na Quantidade. Embora saibamos que esta crítica não é a única elaborada por Hegel a respeito da segunda antinomia kantiana, é a ela que lançaremos nossos esforços, pois se mostra fundamental à compreensão da própria *Doutrina do Ser*, de Hegel.

É sabido, portanto, que Kant, ao tratar dos momentos da continuidade e da discrição, formula a seguinte tese: “*Toda a substância composta, no mundo, é constituída por partes simples e não existe nada mais que o simples ou o composto pelo simples*”<sup>10</sup>. Com essa afirmação, o autor coloca simples e composto como momentos inicialmente contrários e distintos, mas dependentes. Para ele, não há composto sem partes simples e também não há como afirmar o simples sem se ter o conhecimento do não simples, isto é, o composto. Isso, porque, conforme Hegel, “se uma vez se pergunta *do que algo consiste*, então se exige a indicação *de um outro*, cuja *ligação* constitui aquele algo”<sup>11</sup>. Um exemplo que Hegel cita para esclarecer melhor essa questão é o da tinta: se alguém pergunta no que consiste a tinta e respondem a esse alguém que ela constitui-se de tinta, a pergunta inicial perde o sentido e com a resposta obtida não se encontra solução alguma. Assim, se todo composto consiste em um outro, a resposta correta à pergunta sobre a composição da tinta enquanto fruto da relação entre partes que a constituem é a de que, provavelmente, ela é composta por pigmentos e agentes adesivos. Ela é, definitivamente, algo que não pode existir enquanto tal sem suas partes.

Nessa perspectiva, Kant, ao tentar expor uma prova que pudesse de forma lógica impossibilitar a refutação do argumento exposto acima, toma um desvio (assim como as demais proposições antinômicas por ele analisadas) que, segundo Hegel, se apresenta de modo supérfluo. Tal desvio consiste em afirmar de forma completamente contrária o que foi enunciado na própria tese. O

---

<sup>10</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão; Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 421 [B454].

<sup>11</sup> HEGEL, 2016, p. 203.

argumento pretende radicalizar a tese em sentido oposto ao que inicialmente foi afirmado nela para, por meio do “absurdo”, prová-la. Vejamos, então, o modo como ela é apresentada por Kant:

Admitindo que as substâncias compostas não eram constituídas por partes simples, se toda a composição fosse anulada em pensamento não subsistiria nenhuma parte composta e (como não há partes simples) também não restaria nenhuma parte simples, logo, não restaria absolutamente nada, e, por conseguinte, nenhuma substância seria dada<sup>12</sup>.

Para Hegel, esta prova apresentada por Kant nada tem de absurdo, na verdade ela está correta e é completamente redundante em relação ao que foi afirmado inicialmente na tese. Nosso autor sugere que a prova, para evitar seu caráter supérfluo, poderia começar da seguinte maneira:

Portanto, ou é impossível suprimir em pensamento toda a composição ou, anulada esta, algo deverá restar, que subsista sem qualquer composição, ou seja o simples. No primeiro caso, porém, o composto não seria constituído por substâncias (porque nestas a composição é apenas uma relação acidental de substâncias, relação sem a qual devem estas subsistir como seres existentes por si próprios)<sup>13</sup>.

A frase entre parênteses, nesse caso, é importante na medida em que atinge o ponto central de toda a tese. Ela coloca em questão o dilema da necessidade de permanência de algo após a supressão realizada pelo pensamento. Se o que permanece é o composto, então não se teriam as substâncias, mas como a tese indica que a supressão que se faz aqui é do próprio composto e esse é feito de substâncias, o que resta é exatamente o simples. Fica claro na tese de Kant que o que permanece é o simples, pois ele o afirma logo no início. Segundo

---

<sup>12</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão; Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 421 [B456].

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 421-422 [B456].



Hegel, ao observar a tese kantiana e sua “prova”, conclui-se que “não valeu a pena expor uma antinomia sobre isso ou, antes, não se pôde expor nenhuma; a afirmação da simplicidade das partes é, então, como lembrado, apenas tautológica”<sup>14</sup>.

Na segunda tese, Kant irá incorrer no mesmo equívoco. A ideia é compor uma tese semelhante à primeira, porém em estado negativo e utilizando-se do mesmo raciocínio usado na primeira prova para comprovar a segunda: o apagógico. Vejamos como o autor expõe a segunda tese: “*Nenhuma coisa composta, no mundo, é constituída por partes simples, nem no mundo existe nada que seja simples.*”<sup>15</sup>. Para comprovar esta tese o autor elabora, então, a segunda prova, a qual consiste em afirmar que a relação entre composto e suas respectivas partes se dá no espaço.

Kant sustenta que “o composto deve necessariamente ser constituído por tantas partes quantas as que constituem o espaço que ocupa.”<sup>16</sup>, afirmando na sequência que “o espaço não é constituído por partes simples, mas por espaços. Cada parte do composto tem, pois, que ocupar um espaço. Mas as partes absolutamente primeiras de todo o composto são simples.”<sup>17</sup>. De acordo com Hegel, esse rodeio apagógico de Kant é sem fundamento, pois se o espaço enquanto grandeza é o que permite a existência da composição e somente a composição é que pode ser formada por partes, fica evidente que as partes estão integradas na composição e ocupam um espaço. Assim, a composição como algo externo implica no fato de a espacialidade ser ela também externa às partes simples.

---

<sup>14</sup> HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica: a doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 205.

<sup>15</sup> KANT, 2002, p. 422 [B455].

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão; Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 421-422.

Ainda segundo Hegel, a espacialidade “não as atinge e não afeta sua natureza [...] as substâncias [ou partes simples] não deveriam ter sido postas no espaço”<sup>18</sup>. As provas apagógicas de Kant são, para nosso autor, portanto, desnecessárias e as antinomias kantianas bastariam por si mesmas na medida em que afirmam de modo categórico que o “uno”, ou composto, é apenas um suprassumido, pois “os unos simples são um o que é o outro -, com isso, do mesmo modo, contém a igualdade deles e, por isso, sua continuidade”<sup>19</sup>.

#### **4 A resolução hegeliana ao problema das provas apagógicas de Kant**

Para Hegel, as teses a respeito da continuidade e da discrição no espaço, no tempo e na matéria, são claras e não necessitariam das provas apagógicas elaboradas por Kant. Tais provas são recursos que ao invés de colaborar com a argumentação, apenas as complicam e não cumprem seu papel. Se o objetivo das provas kantianas era afirmar algo sem deixar dúvidas da veracidade da tese, o autor poderia ter recorrido apenas a uma boa justificação, pois o fato de a tese tratar do conceito de “composto”, implica logicamente falar das partes que caracterizam este composto, já que o “composto” é necessariamente algo feito de partes simples.

Na visão de Hegel, Kant poderia ter se ocupado da seguinte elaboração para justificar a tese:

Assuma-se que as substâncias não consistam de partes simples, mas sejam apenas compostas. Mas, agora, pode-se suprimir em pensamentos toda a composição (pois ela é apenas uma relação contingente); logo, após a supressão dela, não permaneceria substância nenhuma, se ela não consistisse de partes simples. Mas

---

<sup>18</sup> HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica*: a doutrina do Ser. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 207.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 209.

precisamos ter substâncias, pois nós as assumimos; não deve desaparecer tudo para nós, mas algo deve permanecer; pois pressupusemos um tal persistente que denominamos substância; este algo, portanto, precisa ser simples<sup>20</sup>.

Nesta perspectiva, fica evidente que não há a exigência de nenhuma prova para validar a tese, pois a própria tese afirma a necessidade de permanência de algo após a supressão do composto e isso remete, inevitavelmente, às partes simples, não permitindo qualquer outro raciocínio. Logo, o que se seguiria após a tese não deveria ser uma prova, mas a pressuposição daquilo que, inicialmente, fora posto:

Na medida em que cada um de ambos os lados contrapostos contém nele mesmo seu outro e nenhum pode ser pensado sem o outro, segue-se disso que nenhuma destas determinações, tomadas unicamente por si, tem verdade, mas apenas a unidades delas [tem verdade]. Essa é a verdadeira consideração dialética das mesmas, assim como o resultado verdadeiro<sup>21</sup>.

Hegel, assim, livra as provas apagógicas de Kant de toda redundância e proporciona às teses maior clareza. Contudo, convém ressaltar que o que interessa de fato ao autor nas antinomias kantianas é a ideia de contradição que elas expõem, isto é, o aspecto dialético do pensamento. Segundo Hegel, Kant, ao apresentar as antinomias sempre a partir de duas proposições que, embora opostas, afirmam algo em relação a um determinado objeto, de forma igualmente necessária, valorizou a contradição como movimento pertencente “à natureza das determinações do pensamento”<sup>22</sup>. Mas destaca que a solução ideal às antinomias

---

<sup>20</sup> HEGEL, F. W. *Ciência da Lógica*: a doutrina do Ser. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 205.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>22</sup> HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – 2 Vol. Trad. Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1992, p. 52.

deveria ir além de seu aspecto exclusivo “*isso ou aquilo*”, promovendo a conjunção dos opostos, visto que, desse modo, haveria o direcionamento a um terceiro e imprescindível movimento: a síntese, a qual superaria os momentos anteriores promovendo uma melhor compreensão do objeto em questão, ao mesmo tempo em que preservaria as fases anteriores no conceito.

Importante destacar que este aspecto também ressalta a necessidade da contradição ser reconhecida não como algo subjetivo, restrito ao sujeito, mas como movimento presente na própria essência do mundo, uma vez que “a contradição é justamente a elevação da razão sobre as limitações do intelecto e a solução das mesmas”<sup>23</sup>, ponto que possibilitaria o conhecimento do real.

## 5 Considerações Finais

Após este breve exercício de reconstrução da crítica de Hegel às provas apagógicas da tese kantiana sobre a indivisibilidade e divisibilidade do espaço, do tempo, da matéria, presentes na segunda antinomia da *Crítica da Razão Pura*, é possível compreender que a Quantidade é composta por ambos os momentos da continuidade e da discrição. Ela é unidade, grandeza contínua, mas somente em razão de seus momentos de discrição, ou seja, apenas quando consegue abarcar e conservar, nesta unidade, suas partes simples, seus momentos diferentes.

Assim sendo, é imprescindível que a Quantidade, para realizar-se enquanto tal, não dissolva as diferenças que a constituem, considerando a continuidade seu elemento central, pois a continuidade é apenas a unidade responsável pela relação entre as partes, isto é, o conectante.

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 44.

## **Referências Bibliográficas**

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*: a doutrina do Ser. Trad. Christian G. Iber; Federico Orsini; Marloren L. Miranda. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

\_\_\_\_\_. *Ciencia de la Logica* – 2 Vol. Trad. Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1992.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão; Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

WOHLFART, J. *A lógica do ser de Hegel*. n. 2. Porto Alegre: Veritas, 2017, p. 467-475. v. 62.